

UNIVERSIDADE SANTA ÚRSULA

PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA JUNGUIANA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TECHNE atelier: Rito Mítico de Arte Almada

DENISE OLIVEIRA NAGEM MARQUES

Especialista em Arteterapia
Rio de Janeiro – RJ
denisenagem@yahoo.com.br
(21)996544584

TECHNE atelier: Rito Mítico de Arte Almada

DENISE NAGEM

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo relatar a experiência de um grupo de estudos de atelier arteterapêutico, formado em sua maioria por arteterapeutas, realizado durante nove aulas-oficina no ano de 2013. O grupo de estudos denominado *Techne atelier*, utiliza um funcionamento ritualístico, para a partir do diálogo entre logos e aisthesis, aprofundar estudos de tipologia junguiana mitológica, e reunido em círculo, utilizar danças circulares e atividades expressivas plásticas de arteterapia, para construir objetos de poder míticos que adquirem a alma conceituada por James Hillman, num processo de criação estética que viabiliza a busca pela vida simbólica proposta por Carl Gustav Jung.

Palavras Chave: Arteterapia – Rito – Mito – Carl Gustav Jung – James Hillman

Abstract:

This paper aims at reporting the experience of a group of studies of art therapy studio, formed mostly by art therapists, performed during nine workshops, in 2013. The study group called *Techne atelier*, uses a ritualistic operation to further the studies of mythological Jungian typology, starting from the dialog between logos and aisthesis. Gathered in a circle, they use circle dances and plastic expressive art therapy activities to build mythical objects of power which acquire the soul as conceptualized by James Hillman, in an aesthetic creation process that enables the search for symbolic life proposed by Carl Gustav Jung.

Key Words: Art Therapy - Rite - Myth - Carl Gustav Jung - James Hillman

Resumen:

Este artículo pretende informar la experiencia del grupo de estudio uno atelier arteterapêutico, formado en su mayoría por arteterapeutas, llevó a cabo durante nueve clases-taller en el año

2013. El grupo de estudio llamado atelier Techne, utiliza una función ritual, para desde el diálogo entre logos y aisthesis, profundizar estudios mitológicos tipología Jungiana y reunidos en un círculo, usando danzas circulares y actividades plásticas de terapia de arte expresivo, para crear objetos de poder mítico que adquieren el alma conceptualizado por James Hillman, una creación estética del proceso que permite la búsqueda de vida simbólica propuesta por Carl Gustav Jung.

Palabras clave: Arte terapia-Rite – mito – Carl Gustav Jung-James Hillman

TECHNE atelier: Rito Mítico de Arte Almada

É para dar conta disso que o intelectual deve saber encontrar um 'modus operandi' que permita passar do domínio da abstração ao da imaginação e do sentimento ou, melhor ainda, de aliar o inteligível ao sensível.

Michel Maffesoli

Julgamentos e Percepções

A experiência da busca pelo conhecimento pode propiciar de maneira primeva, a possibilidade de abertura de uma prática vivencial, com grande potencial perceptivo. O interesse pelo saber, abre um caminho para uma descoberta - para alguns, inusitada - de que ainda existe em nós, uma estesia primordial que nos faz nos relacionarmos com o mundo de uma forma perceptiva, não só se apercebendo da realidade matérica que nos circunda, mas também da realidade invisível e imaterial, puramente intuitiva.

O diálogo do inteligível com o sensível, de que fala Maffesoli, permite ao indivíduo que busca tomar posse de novos conhecimentos, usufruir não somente das questões da racionalidade científica ou emocional que a intelectualidade e a valoração propiciam, mas também e principalmente, da experiência estética de tomar consciência de suas sensações e intuições, tão anestesiadas em nosso mundo contemporâneo.

Este diálogo carregado de polaridades pode ser comparado às relações de *logos* e *aisthesis*. *Logos*, palavra grega que pode ser entendida como um conceito filosófico traduzido como razão, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico, podendo dependendo do contexto, representar: palavra, discurso, matéria, motivo, e também a fala, o verbo. Já a palavra *aisthesis*, (de onde se origina a palavra estética) significa percepção, sensação, compreensão pelos sentidos, faculdade de sentir, percepção totalizante, podendo representar a capacidade de perceber o mundo material pelos cinco sentidos físicos e o imaterial pela percepção intuitiva, ou seja, a não fala, o não verbo.

Amplificando um pouco mais estes conceitos poderíamos dizer que fazendo correlações com a tipologia junguiana, o *logos* estaria intimamente ligado às funções de razão da lógica e de valoração: pensamento e sentimento, e que a *aisthesis* dialogaria de forma harmônica com as funções perceptivas da realidade física e da imatérica: sensação e intuição. Portanto dialogando *logos* e *aisthesis*, estaremos propiciando à psique do indivíduo, uma possibilidade de um caminho de equilíbrio entre razão e percepção, entre verbo e não verbo, entre consciente e inconsciente, promovendo desta forma um reconhecimento maior de seu percurso em seu processo de individuação.

Creio que o desafio maior deste diálogo, entre razão e percepção, não esteja na impossibilidade de que as duas instâncias possam se relacionar, mas sim na paridade entre elas, e que o indivíduo dê as duas, a mesma qualidade de tratamento. O verbo e o não verbo possuem potenciais específicos que devem ser considerados em igualdade de condições de valor e importância. Uma percepção intuitiva que chega e não se sabe de onde, deve ser considerada da mesma forma que uma carta esclarecedora e minuciosa.

Há cerca de onze anos leciono em cursos de formação e pós-graduação de arteterapia com abordagem junguiana - que recebem alunos de variadas formações - disciplinas ligadas a processos expressivos: *atelier* arteterapêutico (que consta do aprendizado teórico e prático de variadas técnicas artísticas plásticas e expressivas e suas aplicabilidades e funções terapêuticas), danças circulares aplicadas à arteterapia (prática e aprendizado da dança em círculo de diversos povos e sua aplicabilidade em contexto terapêutico) e consciência estética (que tem como trilha a leitura e a decodificação de imagens nos campos simbólico e plástico, coletivo e pessoal). Esta experiência trouxe-me algumas reflexões:

Observo, durante esses anos, que os alunos, em sua maioria chegam aos cursos com muitas dúvidas e necessitando de muitas respostas para perguntas que se quer ainda

estão interiormente bem formuladas. Existe nas turmas uma necessidade inicial verbal muito grande, de muitos questionamentos internos e externos, retratando uma necessidade imperiosa de descobertas através somente da palavra, da comunicação verbal. É um estado quase caótico do *logos*. Aos poucos, com a vivência não somente do *Atelier* Arteterapêutico, e das Danças Circulares, mas também das outras disciplinas expressivas que acontecem paralelamente, os alunos arteterapeutas vão compreendendo a partir de suas próprias produções e dos relatos dos colegas de turma, que existem outros caminhos por onde as respostas são reveladas. Passam a vivenciar a *aisthesis*. Então, quando a necessidade gritante do *logos* confuso já está amainada, quando os alunos já possuem a vivência reveladora da comunicação não verbal expressiva, quando retomam para suas vidas de forma criativa a capacidade de sentir, a faculdade de perceber e a consciência estética que se revela simbolicamente, é chegado o momento de retomarmos o *logos*. Um *logos* diferenciado, mais claro e devidamente embasado. Um *logos* que dialoga com a *aisthesis*. E é neste momento que se iniciam os estudos da disciplina Consciência Estética. (NAGEM, 2012, p.74)

Estas considerações durante este tempo letivo, associadas a um pedido recorrente de vários alunos, suscitou o nascimento de um projeto para um grupo de estudos que contemplasse de forma mais aprofundada e com uma carga horária mais satisfatória, os estudos referentes a este diálogo *logos e aisthesis*, com a intenção de propiciar ao aprendiz do arteterapeuta em formação ou recém-formado, não somente a teoria e a prática necessárias a sua *práxis* profissional, mas também e principalmente a vivência pessoal e intransferível deste diálogo individuante em suas próprias vidas.

O projeto se tornou realidade em 2009, mas ganhou regularidade a partir de 2011, com propostas cíclicas temáticas semestrais, e conta com um núcleo de cerca de dez participantes assíduos que a cada novo ciclo temático recebe novos componentes. Durante o último ano, o grupo já começou a sugerir temas para os cursos seguintes, e já procuram participar não somente arteterapeutas, mas também educadores e outros profissionais que motivados pelas imagens e testemunhos dos pioneiros, manifestam o desejo de vivenciar a experiência em suas vidas.

O grupo foi batizado com o nome *Techne atelier*, e foi estruturado como um grupo de estudos de *atelier* arteterapêutico, teórico-prático-vivencial, que aborda a tipologia junguiana, os quatro elementos e diversas técnicas artísticas plásticas e expressivas e suas aplicabilidades no processo arteterapêutico. *Techne atelier* é um mergulho no inconsciente simbólico, permeado de músicas, danças, mitos, tintas, vozes, corpos, papéis, barros, colagens, contos, pinturas, personagens, desenhos, cantos, poesias, modelagens, construções, sonhos, experienciados em *atelier* e embasados em estudos bibliográficos e vivenciais.

A palavra técnica se origina da palavra grega *techné*, que se refere à capacidade de produzir algo através de uma combinação de conhecimento, prática e experimentação, e é produzir algo fundado em uma arte que detém um saber que orienta a produção, para realizar a

vontade criadora. Para Heródoto, o primeiro a definir o termo é um “saber fazer de forma eficaz”, e segundo Platão seu sentido diz respeito à "realização material e concreta de algo". Em relação ao conhecimento, enquanto a *epistème* era para os gregos um conhecimento teórico a *techné* era um conhecimento prático, com vistas a um objetivo concreto. Enfim, *techné*, é um misto de técnica e arte, de razão e percepção, de verbo e não verbo, e ampliando mais o conceito, é um diálogo entre *logos* e *aisthesis*. Portanto, a proposta psicodinâmica primordial e norteadora para o grupo de estudos *Techne atelier*, é que através do estudo teórico e vivencial - estruturados ritualisticamente - dos temas escolhidos, os participantes possibilitem que o *logos* seja adentrado pela *aisthesis* complementar, e que a *aisthesis* permita a locação do *logos* em seu funcionamento.

Logos: Entre Tipos e Mitos

Um dos recentes temas estudados nos ciclos do grupo de estudos foi a tipologia junguiana. A tipologia junguiana é em primeiro lugar, um instrumento crítico para o terapeuta junguiano que necessita de parâmetros para melhor ordenar as experiências individuais do cliente em processo terapêutico. Num segundo momento, auxilia na compreensão das vivências de cada indivíduo tornando-se então um instrumento essencial para o profissional que “armado com o conhecimento exato de suas funções diferenciadas e inferiores, pode evitar muitos erros graves no trato com seus pacientes.” (JUNG apud SHARP, 1991, p.155). Durante este ciclo de estudos do *Techne atelier*, cada participante construiu uma Mandala Tipológica Junguiana. A mandala foi idealizada durante meus primeiros estudos de tipologia, e tem como objetivo e finalidade primordial, funcionar como uma ferramenta de orientação psicológica real e palpável, assim como uma bússola no mundo físico. Ela é composta de três círculos de papelão concêntricos, sobrepostos e giratórios em torno de um eixo central, que representam do mais externo para o mais interno, respectivamente: a totalidade psíquica - consciente e inconsciente; o processo de movimento da libido - introversão e extroversão; as funções psíquicas - pensamento, sentimento (funções do *logos*) e sensação e intuição (funções da *aisthesis*).



Mandala tipológica junguiana

A Mandala facilita o diagnóstico tipológico, na medida em que representa todos os conceitos da tipologia junguiana, em uma só imagem, em uma estrutura móvel e interativa. Permite concomitantemente a perfeita visualização das funções superior, inferior e colaterais, permite apreciação do conceito de expansão e retração da libido e permite também a leitura dos elementos da natureza correlacionados com as funções, todos em relação à totalidade psíquica do indivíduo. Após a confecção das mandalas, o grupo sentiu um grande desejo de se aprofundar um pouco mais no estudo da tipologia de Jung. Surgiu então a proposta de no próximo ciclo de estudos, para o segundo semestre do ano de 2013, nos orientarmos pelo livro *Mitologia Simbólica – Estruturas da Psique e Regências Míticas*, que possui 18 capítulos, organizado por Maria Zélia de Alvarenga, e que contou com 13 autores como colaboradores.

O livro elege a Mitologia grega para elaborar correlações entre a tipologia humana e os mitos de vários deuses gregos, estabelecendo desta forma, paralelos nas histórias de vida dos homens e das divindades. Como referencial da diversidade humana, foram escolhidos a tipologia de Carl Gustav Jung e os conceitos de Myers e Myers¹, e através desta estrutura tipológica, alguns deuses e deusas gregos foram classificados, configurando desta maneira representações arquetípicas de regências da consciência, de caráter feminino e masculino.

Os deuses eleitos para o estudo foram: Zeus, Hera, Posídon, Deméter, Hades, Héstita, Ares, Afrodite, Hermes, Atená, Hefesto, Ártemis, Apolo, Dionísio, Perséfone e Tétis, portanto dezesseis divindades, sendo oito masculinas e oito femininas, oito com atitude extrovertida e oito

com atitude introvertida, oito com predominância de funcionamento perceptivo e oito com predominância de funcionamento julgador. Cada um destes divinos teve um capítulo exclusivo, onde cada autor se deteve na descrição de sua personalidade, baseado em suas atitudes, relações, reações, em suas histórias de vida, e a partir destas leituras simbólicas correlacionadas com os conceitos teóricos da psicologia analítica, estas histórias de vida divinas puderam ser traduzidas em modelos arquetípicos de humanização, ocorridos durante os processos de individuação. Este estudo é imprescindível para o entendimento da origem das questões relacionais, conforme ressalta Maciel (2000):

Mitos, todos sabem são narrativas que falam de como as coisas passaram a existir: como os fenômenos naturais se manifestaram. Falam de emoções, de combates e intrigas, tendo deuses, heróis, e monstros como personagens. Comparando tudo isso, Jung então afirmou que as figuras mitológicas seriam a personificação das matrizes arquetípicas do inconsciente coletivo e se 'quisermos encarar os deuses hoje, é para nossas doenças que devemos olhar... (MACIEL, 2000, p.20)

Durante os capítulos do livro os divinos escolhidos tiveram suas histórias de vida analisadas pelos conceitos da psicologia junguiana, tendo como base suas atitudes perante as relações, os impasses, os filhos, os amores, padrões de comportamento, amigos, inimigos, e a partir daí a observância da predominância no movimento da energia psíquica, gerando a introversão ou extroversão, e nas funções da consciência julgadoras – pensamento e sentimento – e perceptivas – sensação e intuição. Desta forma os dezesseis deuses após esta análise e estudo, foram vinculados cada um deles, a um dos dezesseis tipos psicológicos segundo Jung e classificados a partir da codificação do método MBTI² de Myers e Myers.

O estudo da Mitologia, proporciona uma fonte de grande conhecimento sobre a psique, a sociedade e o mundo, o que possibilita compreender de uma forma bastante satisfatória os conceitos mais complexos da Psicologia Analítica. Os processos de análise dos sonhos, fantasias, imagens, associações, dos indivíduos em terapia, são amplamente facilitados pela compreensão simbólica dos mitologemas encontrados nas histórias de vida das divindades mitológicas, tornando-se desta forma referenciais importantes para ampliar e muitas vezes explicar relações, doenças, conflitos, dificuldades e impasses nas histórias de vida destes clientes em terapia.

Conforme explica Alvarenga (2010), estes estudos propostos pelo livro são norteados em seis pressupostos que estão alicerçados não somente na obra de Jung, mas também em proposições dos referidos autores, que profissionalmente atuam como médicos ou psicólogos.

O primeiro pressuposto que é básico e essencial para todo o desenvolvimento do livro é que nas histórias de vida dos divinos gregos escolhidos pelos autores para análise, podem ser encontradas imagens arquetípicas de estruturas psíquicas primordiais que estão presentes não somente na vida destes mitos, mas nas personalidades de todos os seres humanos. Este pressuposto é essencial para justificar a importância do estudo da mitologia na compreensão não somente dos conceitos da psicologia analítica que tem o arquétipo como um dos aspectos mais relevantes, mas também para um acompanhamento profundo de um processo terapêutico analítico.

O segundo pressuposto admite que a psique humana quando em contato com o outro, qualquer que seja ele, pode se nortear através de suas estruturas relacionais e funções de consciência, pelas histórias de vida destas divindades, utilizando estes mitos como recursos substitutivos, que podem inspirar sonhos, fantasias, visões e atitudes.

A possibilidade das regências de consciência serem representadas por uma divindade com sua tipologia específica, estabelece o terceiro pressuposto e possibilita desta forma uma melhor compreensão da expressão e condição humana, que possui em sua totalidade psíquica tanto a extroversão quanto a introversão, e que pode mover esta libido de acordo com o divino emergente.

O quarto pressuposto constata que os dezesseis divinos estão presentes em todos os indivíduos e que para que o processo de individuação aconteça, é necessária uma integração do campo da consciência, das estruturas relacionais e das estruturas profundas de caráter feminino e masculino, por onde se distribuem estas regências míticas, tanto no homem como na mulher.

Homens e mulheres, assim o são, não somente pelo fato de serem do sexo masculino ou feminino, mas também pelas composições arquetípicas presentes em sua consciência e nas estruturas relacionais, estabelece o quinto pressuposto.

O sexto pressuposto estabelece que cada pessoa possui uma forma própria de ser e estar no mundo que depende de como percebe e compreende os fatos (sensação e intuição), de como julga e analisa as situações (pensamento e sentimento), de como age perante o mundo e as pessoas (introversão e extroversão), e que este modo de funcionamento particular e individual está diretamente ligado à mitologia e portanto pode ser traduzido pelas estruturas arquetípicas expressas pelas divindades.

Após o estudo sobre a vida dos dezesseis divinos humanizados pela tipologia junguiana em dezesseis capítulos do livro, a organizadora ressalta a grande importância para o terapeuta analítico, do estudo e conhecimento da mitologia dos povos como instrumento clínico essencial para os processos de análise profunda. Estas realidades arquetípicas presentes nas vidas dos mitos mostram caminhos de humanização.

A vida dos indivíduos muitas vezes apresenta recortes de temáticas míticas e por vezes podemos pensar num futuro provável para a questão, que o rumo da história do paciente poderá tomar. Pode se tornar um futuro possível pela probabilidade mitológica apresentada, e neste momento o processo terapêutico deverá se instrumentalizar de possibilidades de diálogo com o inconsciente, através de produção e leitura de sonhos, imagens, histórias, que perpassem e amplifiquem o arquétipo mítico tocado através de seus mitologemas, para de lá extrair um caminho não necessariamente provável, nem somente possível, mas conscientemente escolhido.

Aisthesis no Rito: Dança, Arte, Alma.

As aulas-oficina dos cursos temáticos do grupo de estudos *Techne atelier* acontecem desde seu início em 2009, obedecendo a um *modus operandi* estruturado em práticas ritualísticas de funcionamento. Estas práticas se apoiam em conceitos de alguns autores, como por exemplo, Eliade (1979):

...todo o microcosmos, toda a região habitada, tem aquilo a que poderia chamar-se um “Centro”, isto é um lugar sagrado por excelência. É aí, nesse Centro, que o sagrado se manifesta de uma maneira total, quer sob a forma de hierofanias elementares — como entre os ‘primitivos’ (os centros totêmicos, por exemplo, as cavernas onde se enterram os tchuringas, etc.) — quer sob a forma mais evoluída das epifanias diretas dos deuses, como nas civilizações tradicionais. (ELIADE, 1979, p.39)

Todos os encontros desde o início das atividades são realizados ao redor de um ponto marcado no chão por um tecido em forma circular, onde estão colocados um ou mais objetos relacionados com o tema de estudo do dia, configurando desta forma o “Centro”. Os participantes se posicionam em círculo ao redor deste centro, e são convidados a nele se representarem, por meio de um objeto pessoal, acrescentando ao ato de oferecimento palavras com intenções importantes e relevantes para si, pois “*basta pôr-se o problema da salvação, basta pôr o problema central, para que a vida cósmica se regenere perpetuamente*”. (ELIADE, 1979, p.55).

Desta forma o centro daquele grupo, naquele dia, naquele específico momento, está montado para que a aula oficina possa se iniciar, pois o círculo criado a partir de um centro representativo de todos os indivíduos presentes, torna-se um lugar igualitário e seguro de aprendizado, onde é facilitada a expressão de cada ser, já que todos estão equidistantes do ponto central de energia e representação grupal.



Centro da roda no dia de estudos de Afrodite.

O círculo é uma forma arquetípica que intensifica as relações e aproxima emocionalmente as pessoas, proporcionando uma relação menos hierárquica que se torna acessível quando nos alinhamos a sua forma, facilitando as expressões individuais. A energia concentrada no centro, expande, evolui e afeta os indivíduos, como quando jogamos uma pedrinha num espelho d'água e se formam os anéis concêntricos expansivos. O círculo é um princípio e também uma forma. O centro é que torna o círculo especial, pois ao redor de um ponto de energia, se estabelece a sacralidade, e transforma uma roda de pessoas em uma mandala em torno de um fogo sagrado. O fogo então é acessado no centro e lá permanecerá até o final das quatro horas de atividade. Segundo Eliade (1979):

A mandala pode ser ao mesmo tempo ou sucessivamente o suporte de um ritual concreto, ou de uma concentração espiritual, ou ainda de uma técnica de fisiologia mística. Esta multivalência, esta capacidade de se manifestar em planos múltiplos, se bem que homologáveis, é uma característica do simbolismo do “Centro” em geral. O que é fácil de entender: pois todo o ser humano tende, mesmo inconscientemente, para o Centro e para o seu próprio Centro, o que lhe confere a realidade integral, a ‘sacralidade’. (ELIADE, 1979, p.53)

A mandala formada pela roda de pessoas ao redor do centro que contém o fogo sagrado move-se então, através de uma ou mais danças, tornando-se uma mandala tridimensional em movimento harmônico e circular ordenado pelos passos simbólicos, ensinados minutos antes da experiência expressiva. “A dança é em tempo e espaço, um signo, um acontecimento visível,

uma forma cinética para o invisível” (WOSIEN, B., 2006, p.27). O grupo, através da dança circular escolhida em coerência com o tema estudado, vivencia num primeiro momento o aprendizado lógico e racional dos movimentos de ordenação de seus corpos em roda e de mãos dadas, para num segundo instante perceber e se apropriar de toda possibilidade estética que a sacralidade da dança circular propicia. Na dança circular *logos* e *aisthesis* estão presentes de forma latente trazendo através desta harmonia a compreensão de vida de que fala Wosien, G.:

A dança de roda como forma de dança e símbolo de uma ordem universal harmônica é, assim, um exercício contínuo de transformação. No concentrado de suas figuras espaciais e de suas sequências de passos ela contém a sabedoria da antiguidade e a traz para a atualidade pela repetição do ato, a fim de compreender de forma fecunda as fontes de nossa vivência. (WOSIEN,G., 2002, p.65)

Na pré-história da humanidade, a arte de imitação da dança do cosmos, era a forma autêntica do ritual sagrado, pois o homem antigo imitava as formas e movimentos da natureza com o desejo de chegar à perfeição. Como relata Wosien, G. (2002), a dança era uma divindade que simbolizava a harmonia das leis da terra e do céu e desta forma o ser humano integrado à natureza dançava os ritmos cíclicos da vida e sentia-se tomado pela pulsação orgânica do universo. O ser humano dançava porque dançar era sagrado, porque o movimento da natureza era sagrado e porque era sagrado ritualizar e celebrar essas passagens de ciclos. As comunidades humanas dançaram seus mitos, deuses e deusas, pois para todos os povos de todos os tempos, dançar era expressar através do corpo e de seus movimentos significativos, as experiências vitais que ultrapassam os limites da palavra, do discurso verbal. Na dança a manifestação das emoções é sempre vista como um ato sagrado, aproximando o indivíduo e sua comunidade das forças naturais transcendententes como relata Wosien, B.:

Os gregos dizem que quando dançam, eles são acompanhados por Apolo e Dionísio. O rítmico Dionísio à esquerda e a força ordenadora de Apolo, que marca o compasso, à direita, dão asas ao homem, que dança no meio e através do Orfeu mortal [...] e exprimem sua aspiração na melodia de sua voz. (WOSIEN, B., 2006, p.30)

Após a dança circular - neste grupo de estudos que foi denominado de Tipologia Junguiana e Mitologia Grega – inicia-se o momento do estudo propriamente dito, que acontece a partir da leitura e partilha do livro. Foram escolhidos pelos participantes, oito dos dezesseis divinos apresentados no livro, sendo quatro deuses e quatro deusas, já que este ciclo do grupo de estudos aconteceria em nove encontros. Os outros oito divinos serão estudados no segundo ciclo deste tema. Zeus e Hera foram definidos como os primeiros divinos a serem estudados e os demais foram escolhidos: Ares, Héstitia, Afrodite, Apolo, Perséfone e Dionísio. A cada encontro, portanto, um mito é estudado após a leitura prévia por todo o grupo, do capítulo referente ao

divino. As duplas ou trios formados pelos participantes ao escolherem o mito que desejavam, se comprometem em apresentar o deus escolhido para todo o grupo no dia estabelecido para tal. “Na geografia mítica, o espaço sagrado é o espaço real por excelência, pois,[...] para o mundo arcaico o mito é real porque ele relata as manifestações da verdadeira realidade: o sagrado” (Eliade, pg40, 1979), que é revisitado nestas apresentações míticas, onde são utilizados recursos expressivos de teatro, música, contação de história, de livre escolha dos responsáveis pela encenação.

Antes da encenação do deus de estudo do dia, a mandala tipológica auxilia na localização do tipo psicológico do divino em questão, dando ênfase às funções que estariam no consciente e as que, por conseguinte, se instalariam no inconsciente. Com base na proposta tipológica do livro para o mito, os participantes são convidados a partilharem suas impressões sobre as funções principais e o movimento da energia psíquica do deus escolhido e que identificações ou estranhamentos, a história promove em suas reflexões pessoais de vida. Então a encenação do mito que sucede as reflexões pessoais, por aqueles que tiveram a responsabilidade de mergulhar mais profundamente na história mítica escolhida, traz um novo olhar, uma nova escuta, um novo sopro, uma percepção ampliada e mais enriquecida que promove uma compreensão mais apurada de toda simbologia que permeia o enredo mítico em questão, com seus mitologemas, mitemas e rituais. Quando passamos a conhecer melhor o mito, abrimos um vasto campo de probabilidades de entendimento do psiquismo humano, do funcionamento dos indivíduos, de seus anseios, desejos, dificuldades e possibilidades de transformação. Segundo Campbell (2002), os mitos possuem quatro funções. A primeira possui um cunho religioso, pois concorre para harmonizar a consciência através de atitudes pessoais de interiorização, exteriorização e transformação; a segunda está estreitamente ligada à lógica, sendo uma interpretação de imagens da ordem universal; a terceira se refere à ética por dar respaldo, dar ordem moral e validade às vivências da sociedade; e a quarta é estruturante, pois possibilita a compreensão e a condução dos indivíduos durante os estágios da vida. Durante a partilha e estudo do enredo mítico, podemos observar em vários momentos a manifestação latente destas funções, tanto através dos relatos verbais (*logos*) quanto por intermédio das manifestações simbólicas não ditas (*aisthesis*).

Como diz Junito Brandão (2011), narrar o mito é *práxis* sagrada, e contar uma história mitológica é colocar o homem na contemporaneidade do sagrado, pois a palavra é portadora de um poder arquetípico que presentifica o passado e o futuro, configurando o momento num tempo primordial e sacro. O estudo e vivência da história mítica possibilita aos indivíduos entrar em

contato com a presença sagrada da narrativa divina em sua vida inconsciente, para então de lá acessar e extrair reflexões e imagens grávidas de conteúdo simbólico a ser configurado. Então, neste momento de resgate imagético, acontece a proposta para a produção plástica arteterapêutica de um dos objetos simbólicos do divino em questão, pois segundo Ostrower (1977) a criatividade:

...é intimamente vinculada ao trabalho humano, ou seja, os processos criativos surgem dentro dos processos de trabalho, nesse fazer intencional do homem, que é sempre um fazer significativo. (p.142)... e acima de quaisquer outras considerações, o que importa é o processo criador visto como um processo de crescimento contínuo no homem e não unicamente como fenômeno que caracteriza os vultos extraordinários da humanidade. (OSTROWER, 1977, p.132)

A arteterapia possui como finalidade possibilitar a emergência de uma imagem inconsciente, transformá-la em imagem produzida - a partir da utilização de materiais plásticos e expressivos - para a representação de seus conteúdos íntimos, promovendo interações surgidas pelo diálogo estabelecido entre autor e obra. A arteterapia, portanto, possui seu foco de trabalho baseado na integração de três pontos: produção de imagens – imaginação; processo criativo através da arte - produção; e inter-relação do paciente com a obra criada – comunicação.

O relato das histórias míticas recheia o inconsciente de imagens prenhes de significação, ávidas por ganharem vida, perpetuarem alma, como frutos do primeiro ponto de integração: a imaginação, atividade autônoma da psique que Jung (2012), chama de fantasia:

Esta atividade autônoma da psique, é, como todo processo vital, um ato de criação contínua. A psique cria a realidade todos os dias. A única expressão que me ocorre para designar esta atividade é fantasia. (...) a fantasia me parece a expressão mais clara da atividade específica da psique. É sobretudo a atividade criadora donde provêm as respostas a todas as questões passíveis de resposta; é a mãe de todas as possibilidades onde o mundo interior e exterior formam uma unidade viva, como todos os opostos psicológicos. (JUNG, 2012, O.C. 6, §73).

Um dos objetos simbólicos do deus é escolhido para ser produzido a partir dos materiais oferecidos, e desta forma se transformar não somente em um símbolo do divino, mas no objeto portador das qualidades e propriedades necessárias àquela vida, objeto que possui *anima* e que configura um determinado poder. A produção plástica e expressiva é a questão nuclear de todo processo arteterapêutico, em torno do qual o diálogo entre obra, criador e terapeuta acontece posteriormente.

Para Zeus foram produzidos alguns raios a partir de chapas radiográficas antigas; Hera confeccionou uma releitura ampliada de coroa e cedro das festas infantis; Ares agora pode

guerrear com seu escudo feito a partir de uma forma de pizza; Héstia produziu um centro para o fogo sagrado, pintado sobre cerâmica circular; Afrodite poderá se admirar num espelho de moldura florida; Apolo confeccionou sua coroa de louros, recebeu uma medalha de sol e um ramo de jacintos; Perséfone transformou uma caixa antiga de fita vhs em sua caixa de beleza e colheu narcisos; e Dionísio entrou em êxtase pintando sua máscara. Jung (2012) ressalta:

Pode-se expressar o distúrbio emocional, não intelectualmente, mas conferindo-lhe uma forma visível. Os pacientes que tenham talento para a pintura ou o desenho podem expressar seus afetos por meio das imagens. Aqui tem-se um produto que foi influenciado tanto pela consciência como pelo inconsciente, produto que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância, por parte da consciência. (JUNG, 2012, O.C. 8/2, §168)



Confeção de Máscaras no dia de estudo de Dionísio.

É importante também ressaltar algumas sincronicidades ocorridas durante o percurso. As datas de cada deus foram escolhidas de forma aleatória, e no decorrer do processo, pudemos observar um eclipse solar no dia do estudo de Apolo; no dia de Ares se comemorava o dia de São Miguel Arcanjo; Pérsefone foi estudada no dia de todos os santos, véspera do dia de finados, e Dionísio durante a última aula, às portas da celebração do Natal, demonstrando “a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal”. (JUNG, 2012, O.C. 8/3, §849)

Além disso, também é importante pontuar que a energia psíquica de cada deus, com suas atitudes de libido e funções principais, contagiou o grupo durante o tempo de estudos, como por exemplo: o pensamento empírico extrovertido de Ares possibilitou ao grupo uma atitude mais determinada e organizada tanto na feitura de seus escudos de defesa quanto na dinâmica da

partilha; o sentimento intuitivo introvertido de Dionísio, às vésperas da celebração de natal, trouxe um estado de êxtase e euforia primordiais, muito bem representados nas máscaras confeccionadas durante o processo; o sentimento sensorial introvertido de Héstitia promoveu uma atitude bastante introspectiva do grupo no decorrer da confecção dos centros de fogo pessoais e também provocou que o grupo permanecesse muito mais próximo ao centro, onde estava o fogo sagrado, formando um pequeno círculo durante a partilha verbal, a ponto de haver dificuldades de se desfazer a mandala humana formada, tal a força centrípeta constelada. Conforme Maciel (2000):

Viver o mito é mergulhar na experiência da entrega, do espanto e da reverência. É atingir uma dimensão pré-verbal, pré-lógica, transpessoal e infra-humana. Estar na zona de silêncio é atingir aquele momento em que o coração e cérebro são uma coisa só, e o símbolo estabelece uma ponte entre dois mundos, criando uma condição de equilíbrio, e com isso propiciando uma transformação da personalidade. (MACIEL, 2000, p.11)

Este momento em que coração e cérebro se constituem “uma coisa só” começa a ser trazido para a realidade material, pela experiência da entrega às percepções estéticas da matéria-prima oferecida durante a segunda parte do processo arteterapêutico, visando a elaboração do objeto mítico de poder. Segundo Bachelar (1991):

...o trabalho de nossas mãos restitui ao nosso corpo, às nossas energias, às nossas expressões, às próprias palavras de nossa linguagem, forças originais. Através do trabalho da matéria, nosso caráter adere de novo a nosso temperamento.[...] o trabalho sobre os objetos, contra a matéria, é uma espécie de psicanálise natural. Oferece chance de cura rápida porque a matéria não nos permite enganarmo-nos sobre nossas próprias forças.[...] o trabalho com a matéria põe o trabalhador no centro de um universo e não mais no centro de uma sociedade. A um passo do homem cósmico. (BACHELAR, 1991, p.45)

O manuseio do material plástico, essencial à abordagem arteterapêutica, fornece a interação do sensível com o cognitivo, de *aisthesis* com o *logos*, portanto o trabalho plástico de transformação da matéria possibilita uma relação afetiva, exatamente como relata Hillman, pois somos absorvidos “numa conversa íntima e duradoura com a matéria. [...] então, Eros passa de um princípio universal, uma abstração do desejo, para teorias eróticas das qualidades sensuais das coisas: os materiais, as formas, os movimentos, os ritmos”. (HILLMAN, 2010, p.105). Esta conversa não se constitui em um diálogo literal, provido de todas as racionalidades da lógica cerebral, onde se considera estar o centro da consciência, mas sim, antes de tudo, num colóquio orientado pelo coração, imaginativo, repleto de percepções. “O movimento para o coração já é um movimento de *poesis*: metafórico, psicológico.” (HILLMAN, 2010, p.95).

Durante o processo de produção dos objetos míticos esta energia simbólica e metafórica serve de guia para o trabalho plástico, que apesar de ser executado principalmente através das mãos, é orientado por toda a psique consciente e inconsciente embebida no maravilhamento do movimento poético e na relação transformadora que os materiais, com suas cores, texturas, sons e cheiros, propiciam. O objeto produzido traz em sua natureza uma parcela de encantamento estético que está diretamente ligado com o sagrado e que

...presta testemunho de si mesmo na imagem que oferece, e sua profundidade está nas complexidades dessa imagem. Sua intencionalidade é substantiva, dada com sua realidade psíquica, reclamando, mas não exigindo, nosso testemunho. [...] cada objeto é um sujeito, e sua autorreflexão é sua autoexibição, seu brilho. (HILLMAN, 2010, p.91)

Esta dialética entre o coração e os órgãos dos sentidos não obedece a uma engrenagem mecânica, mas sim a um funcionamento estético. O olhar de encantamento, o processo criativo e o fazer artístico é que permitem que a matéria seja transformada em “um produto da mente que brinca; em um produto de um indivíduo em desenvolvimento; em um produto de um ser trilhando seu processo de individuação”. (NAGEM, 2006, p.39)

Hillman (2010) amplifica ainda mais o conceito de *aisthesis*, o desprendendo somente da atividade de senso-percepção e lembrando que na origem a palavra significa ‘absorver’, ‘respirar’, e que por ser grega não pode ser entendida sem se levar em conta o coração, órgão representante da deusa dos sentidos, das sensações: “o coração, e a raiz da palavra – aquele ofegar, respirar, inalar que traz o mundo pra dentro”. (HILLMAN, 2010, p.48). Mas, o que é isso de inalar ou trazer o mundo para dentro?

Primeiro, significa aspirar ou inspirar as apresentações literais das coisas profundamente. A transfiguração da matéria acontece pelo maravilhamento. Essa reação estética que precede a curiosidade intelectual inspira o que é dado para além de si mesmo, deixando cada coisa revelar sua aspiração específica dentro de um arranjo cósmico. Segundo, ‘trazer para dentro’ significa levar para o coração, interiorizar, tornar-se íntimo em sentido agostiniano. Não apenas minha confissão de minha alma, mas escutar a confissão da alma mundi no discurso das coisas. Terceiro, ‘trazer para dentro’ significa interiorizar o objeto nele mesmo, em sua imagem, de modo que a imaginação dele é ativada (em vez da nossa), de forma que ele mostre seu coração e revele sua alma, tornando-se personificado e assim amável – amável não apenas para nós e por nossa causa, mas porque sua amabilidade aumenta à medida que seu sentido e sua imaginação desabrocham.[...] O ah da surpresa, do reconhecimento[...] A resposta estética salva o fenômeno; fenômeno que é a face do mundo. (HILLMAN, 2010, p.49)

Cada objeto traz desde seu processo de produção, um maravilhamento que deve ser percebido e ativado em sua essência, interiorizado e tornado íntimo, para que possa então revelar não somente sua forma e identidade, mas também sua alma, justificando desta maneira o

fenômeno da criação, que se revela pleno na experiência estética manifestada pelos sentidos. A “alma do objeto corresponde ou une-se à nossa”. (HILLMAN, 2010, p.90)

E então ocorre o retorno ao centro, para um novo posicionamento, agora não somente do indivíduo e sua alma com seu pedido de sacralidade, mas de sua alma integrada à outra: a de seu objeto de poder divino. Os objetos são colocados ao redor do centro sagrado da roda, constelado desde o início da atividade, ampliando a mandala já instalada no ponto central. E a mandala se amplifica mais uma vez, quando os participantes se sentam em outro círculo, em frente ao seu objeto de poder, ‘desenhando’ cada um, um raio que após passar por seu objeto almado, o conecta com o fogo central. E, ao estarem instalados os três círculos concêntricos, o verbo é convidado a partilhar a experiência, concluindo desta forma o terceiro ponto do processo arteterapêutico que é a comunicação através da partilha verbal, que apresenta o objeto de poder almado como personagem principal do *logos*, neste momento também almado.



Centro da roda no dia de estudos de Afrodite, com os objetos de poder formando a mandala.

Segundo Jung (2012), como alma e corpo não são separados, mas animados por uma mesma vida, o terceiro círculo formado pelos componentes do grupo, dança entorno da mandala dos objetos, uma dança específica que seja condizente com a história ou com a energia do divino estudado, pois o homem “no momento da dança, volta a se sentir uno consigo mesmo e com o mundo que o rodeia. Na experiência da crise e do êxtase, a este nível profundo, recai sobre o homem uma afinidade universal, um sentido de totalidade da vida.” (WOSIEN,G., 1997, p.9).

Com esta energia de totalidade de vida almada, após a dança, a roda se mantém de mãos dadas, por uns instantes de interiorização, cada um buscando uma palavra para ser ofertada ao centro, e o círculo se despede com um cumprimento que percorre os dois sentidos da roda, e finaliza com uma mandala de mãos dadas, acima do centro, desenhando no ar uma das variantes mais difundidas como simbolismo do centro: “a árvore cósmica, que se encontra no meio do universo e que sustenta, como um eixo, os três Mundos”, e que possui “raízes que mergulham até aos infernos e cujos ramos tocam o céu”. (ELIADE, 1979, p.43)



Mandala de mãos

Rito Mítico de Arte Almada

Como fala Jung, todo indivíduo necessita de uma vida simbólica, e a procura durante seu processo de existência – mesmo que seja de uma forma atrapalhada - com certa urgência. Esta busca premente retrata uma necessidade de expressão, que está além das palavras do discurso verbal, porque traz a sensação de que a oratória ‘não dá conta’ de muitos conteúdos que precisam ser canalizados por outros caminhos. Caminhos que simbolicamente expressarão as necessidades da alma. E os mitos de todos os povos, são excelentes condutores deste caminho simbólico. “O impulso mítico, criador de mitos” (MACIEL, 2000), compreende não somente os relatos mitológicos, mas também se expressa em todas as manifestações de arte e de cultura, e principalmente nos rituais.

Desde sempre a humanidade buscou os rituais como um caminho para o universo mítico estabelecendo uma via de comunicação com o mundo transcendente: “das cerimônias primitivas

às mais sofisticadas liturgias, o propósito do celebrante e de toda a assistência é co-mover os deuses no sentido de que uma aliança seja estabelecida entre as dimensões.” (MACIEL, 2000, p.156).

O rito possui o poder de reafirmar o mito, pois num espaço ritual sagrado, todo gesto, todo ato pode ser manifestação do divino revelado através do sentimento que dele aflora. As atividades não são sagradas em si, a priori, mas se tornam sagradas através do caráter arquetípico sagrado presente, e naquilo que revelam. O ritual confere segurança e aceitação da intensidade da energia mítica constelada, proporcionando um equilíbrio para a pessoa que se relaciona com o mito.

As manifestações de tempo e espaço ocorridas durante os processos ritualísticos diferem dos processos comuns, assim como também as transformações que os rituais propiciam dificilmente ocorrerão fora deles, pois eles se constituem em *temenos* possuidores de qualidades necessárias de sacralidade e segurança que permitem que a magia aconteça. É preciso que se permaneça por algum tempo mergulhado neste espaço ritual para que a transformação ocorra, “mas, para que ela seja perene, é necessário que se saia deste mesmo espaço e se volte a caminhar pela vida.” (MACIEL, 2000, p.157).

Por Brandão (2011) sabemos que:

Através do rito o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma, nesse caso, “o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado”. Em resumo: o rito é a praxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora. Rememorando os mitos, reatualizando-os, renovando-os por meio de certos rituais, o homem torna-se apto a repetir o que os deuses e os heróis fizeram ‘nas origens’, porque conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. E o rito pelo qual se exprime o mito reatualiza aquilo que é ritualizado: re-criação, queda, redenção. (BRANDÃO, 2011, p.3)

E nesta comemoração que o rito possibilita da memória mítica, somos tomados esteticamente não somente pelo verbo das narrações, mas especialmente pela atmosfera perceptiva na qual o ritual acontece, repleta de olhares, tons, gestos, sons, cheiros, formas, e alma, e numa reação estética, respondemos com nossos corações e nossas almas que imaginativas criam outras almas, através das mãos sobre a matéria, pois “todas as coisas, construídas ou naturais, ganham alma por manifestar suas virtudes.” (HILLMAN, 2010, p.106). A alma repousa nas profundezas, inclui vida, morte e divindade e possui um desejo de fusão e totalidade. A alma é livre para se manifestar tanto nas “coisas da natureza dadas por Deus”

quanto nas “coisas da rua feitas pelo homem,” (HILLMAN, 2010, p.89) é livre para se manifestar no mundo apresentando sensorialmente sua imagem interior e sua presença como uma realidade psíquica, configurando a *anima mundi*, onde “cada coisa de nossa vida urbana construída tem importância psicológica.” (HILLMAN, 2010, p.81)

Hillman (2010) acredita que para acolher as personificações da *anima mundi*, a psicologia acadêmica deverá se abrir para um sofisticado e novo programa de formação onde a base será o coração sensível e imaginativo, que precisará treinar os olhos, os ouvidos, o nariz e as mãos dos novos terapeutas para este trabalho invisível de criar alma, que encontrará visibilidades nas obras de arte, nos sonhos, na alquimia, nas mitologias e em todas as vias de manifestação em que os mistérios da alma estão simultaneamente revelados e contidos, pois a psicoterapia também é uma arte.



Grupo com as máscaras de poder de Dionísio no final do dia de estudos.

Corroborando com Hillman, no *Techne atelier*, Mitologia e Tipologia Junguiana, acontece o rito da criação artística que propõe ao homem fazer alma através da arte e comemorando o mito. O único caminho para uma vida simbólica, que reserva em nossas vidas cotidianas um lugar para nossas almas, é o da criação estética. É abrir as portas para a senso-percepção através dos sentidos de nossos corpos, para que esta absorção inalante estética invada nosso coração - órgão simbólico do sentir - e num movimento inconsciente labore nossas mãos no trabalho com a

matéria, que como numa gestação, durante o processo e ao final do ciclo, ganha forma, identidade e alma, e então vive, respira e fala.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, M.Z. **Mitologia Simbólica – Estruturas da psique e Regências Míticas**, 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010

BACHELARD, G. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Volume 1. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPBELL, J. **Isto é Tu**. São Paulo: Landy, 2002.

ELIADE, M. **Imagens e Símbolo**, 1ª edição. Lisboa: Arcádia, 1979

HILLMAN, J. **O Pensamento do Coração e a Alma do Mundo**, 1ª edição. Campinas: Verus, 2010.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas, vol VI. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____ **A Natureza da Psique**. Obras Completas, vol VIII/2. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____ **Sincronicidade**. Obras Completas, vol VIII/3. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____ **A Vida Simbólica**. Obras Completas, vol XVIII/2. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACIEL, C. **Mitodrama – O Universo Mítico e seu Poder de Cura**. São Paulo: Ágora, 2000.

MAFFESOLI, M. **O Mistério da Conjunção**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MYERS, I.B. & MYERS, P.B. **Ser Humano é ser Diferente**, São Paulo: Gente, 1997

NAGEM, D. **Artigo Transformar para Integrar: Da Restauração À Reciclagem**. Coleção Imagens da Transformação. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, Volume 11, Páginas 108 a 111, 2004.

NAGEM, D. **Artigo Do Logos a Aisthesis- Da Aisthesis ao Logos**. Arteterapia - Campos de Atuação. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

SHARP, D. **Léxico Junguiano**. São Paulo: Cultrix, 1991.

WOSIEN, B. **Dança – Um caminho para a Totalidade**. São Paulo: Triom, 2006.

WOSIEN, M.G. **Mitos, Deuses e Mistérios – Danças Sagradas**. Madri: Del Prado, 1997.

_____. **Dança Sagrada – Deuses, Mitos e Ciclos**. São Paulo: Triom, 2002.

¹ A tipologia proposta por Myers e Myers amplia a elaborada por Jung, e com isso, nos dá mais ferramentas para uma maior compreensão dos tipos.

² Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)